

**A ESCRITA NOS HIPERTEXTOS  
E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA:  
POSSÍVEIS RELAÇÕES<sup>1</sup>**

*Shelton Lima de Souza* (UFAC)  
[shelton.lima@yahoo.com.br](mailto:shelton.lima@yahoo.com.br)

**1. Introdução**

As atividades humanas na contemporaneidade passaram a assimilar novas características com o advento da tecnologia. Devido a isso, (re)visões e (re)formulações surgem para integrar ou desintegrar postulados que eram, até então, colocados como verdades invioláveis. Essas novas visões e (re)formulações começaram a fazer parte de um campo tradicionalmente avesso a qualquer tipo de mudança/variação – entendendo mudança/variação como um processo natural e inevitável a qualquer ação humana – que é a escrita.

A legitimidade e a importância histórico-social dada à escrita promoveram uma barreira à inovação. Qualquer tentativa de quebra de um paradigma da escrita formal é visto com maus olhos entre puristas da língua, mais precisamente entre estudiosos que analisam qualquer fenômeno linguístico a partir de uma descrição gramatical greco-latina (BAGNO, 1999; 2001). Literatos e outros artistas que trabalham com textos escritos podem manipular o padrão normativo, mas essa possibilidade de manusear a escrita para fins estéticos só foi possível a partir de uma revolução nas artes promovida pelo Modernismo. Ou seja, antes desse movimento literário, a arte escrita era completamente subordinada

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na mesa-redonda “O Ensino de Línguas e as Novas Tecnologias” da XIII Semana de Letras: ensino de línguas e as novas tecnologias na Universidade Federal do Acre – UFAC. Trabalho vinculado ao grupo de pesquisa Estudo das Línguas do/no Acre: Múltiplos Olhares e ao projeto institucional Práticas de letramento e ensino de língua portuguesa nos ensinamentos fundamental, médio e superior: uma análise linguística, ambos desenvolvidos na UFAC.

a um padrão pré-estabelecido por fatores mais sociais que linguísticos (BAGNO, *op. cit.*). Com a era digital, houve possibilidade de uma espécie de (re) organização nos textos formais – nos textos literários também<sup>1</sup> – ao desenvolver novos modelos de organização da escrita por meio dos hipertextos.

Conforme assinala Marcuschi (2001, p.79):

O hipertexto, pela sua natureza não sequencial e não linear, afeta não só a maneira como lemos, possibilita múltiplas entradas e múltiplas formas de prosseguir, mas também afeta o modo como escrevemos, proporcionando a distribuição da inteligência e da cognição. De um lado, diminui a fronteira entre leitor e escritor, tornando-os parte do mesmo processo; do outro faz com que a escrita seja uma tarefa menos individual para se tornar uma atividade mais coletiva e colaborativa. O poder e a autoridade ficam distribuídos pelas imensas redes digitais, facilitando a construção social do conhecimento. (MARCUSCHI, 2001, p. 79)

O autor propõe que essas características do hipertexto levem à reflexão da ação pedagógica do professor de língua portuguesa e à problematização do papel do computador nas escolas. Para Marcuschi, os componentes que diferenciam um hipertexto de um texto tradicional<sup>2</sup> são desconhecidos por professores responsáveis pelo ensino de escrita e leitura, além de uma ideia – abstração – de computador ter entrado nas escolas e não o seu uso efetivo para fins educacionais.

## **2. Os hipertextos e suas características**

Lévy (1993) conceitua hipertexto em dois níveis: o técnico e o funcional. Tecnicamente, hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Diferentemente do texto impresso que só relaciona, na maioria das vezes, o texto-base a outros textos de mesma estrutura, o hipertexto pode relacionar o início da leitura a palavras isoladas, páginas de outros gêneros textuais diferentes do texto-base, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos. Funcionalmente,

---

<sup>1</sup>Marcuschi (2001, p. 87) cita o caso do escritor Michael Joyce que escreveu o conto *Afternoon* com várias possibilidades de continuidade. O conto era lançado em um site e os leitores poderiam escolher os desfechos ou desenvolvimento de cenas que quisessem. Marcuschi esclarece que, apesar de haver uma espécie de socialização da estrutura desse conto, todas as possibilidades de continuação foram escritas por Joyce. O leitor só tinha de escolher uma delas.

<sup>2</sup> Aqui, o termo tradicional está sendo usado para fazer referência a algo que é recorrente – já conhecido – e não como um elemento antigo que tem de ser abandonado.

Lévy (*op. cit.*) afirma que um hipertexto é um tipo de programa para a organização de conhecimentos ou dados, para aquisição de informações e disseminação do conhecimento, além da ampliação da comunicação.

O hipertexto é a base das informações veiculadas pela internet. Não se constitui como gênero textual, mas como suporte de gêneros diversos (MASCUSCHI, *op. cit.*). Pode-se dizer que o termo designa um processo de escrita/leitura não linear e não hierarquizada e que permite o acesso ilimitado a outros textos de forma instantânea. Possibilita uma inter-relação de textos sem, necessariamente, seguir sequências unidirecionais ou regras pré-estabelecidas.

Percebe-se que os hipertextos podem fazer uma mudança de perspectiva dos usuários de internet: a princípio, se acessa a rede para obter informações sobre um determinado tema discutido em algum lugar como em uma aula da faculdade, por exemplo. Ao acessar algum site, o hipertexto lido leva o leitor para outros hipertextos, através de hiperlinks<sup>1</sup>, facilitando o acesso a informações que não eram de interesse do usuário. Ao escolher a sequência de leituras, o leitor passa a fazer parte da construção de sentidos do texto-base, já que quem está lendo é que escolhe a sequência de leituras. Dessa forma, o leitor torna-se extremamente atuante diante do texto lido.

Conforme aponta Marcuschi (*op. cit.*, p. 80), o hipertexto promove algumas possibilidades que não eram possíveis nos textos impressos: (i) maior democratização de informações entre leitores e escritores. Leitor e escritor passam a ter uma relação que já era obrigatória em outros textos não digitais – cf. processo de textualização em Marcuschi (2008, p. 96) –, mas se amplia nas mídias digitais; (ii) Com os hipertextos, as informações do texto base passam a dialogar com um conjunto de dados de textos não diretamente ligados com as informações iniciais. Isso é exatamente o que caracteriza a não sequencialidade do texto digital; (iii) a leitura nos textos digitais passa a ter outras formas de prosseguir, apresentando um caráter menos unilateral do que o texto impresso mais tradicional; (iv) ao escrever os hipertextos, os escritores tem uma maior gama de possibilidades de (re)arranjar estruturas semânticas, pois os hiperlinks podem contribuir – se quiser desestabilizar – a construção do sentido da informação fornecida pelo texto base; (v) Nas mídias digitais, os hipertextos promovem maior acesso a informações.

---

<sup>1</sup> Link ou hiperlink é uma conexão, ou seja, elementos físicos e lógicos que interligam os computadores da rede.

### **3. origem dos hipertextos**

A primeira ideia de hipertexto foi enunciada por Vannevar Bush, em 1945, no artigo intitulado “As We May Think”. Segundo Levy (1993, p. 28), Bush era um matemático importante que desenvolveu as primeiras calculadoras eletrônicas. Bush (1945) afirmava que o pensamento não se dá de maneira hierárquica e sim por associações. Essas associações de pensamentos formam uma teia com ideias que saltam imediatamente ao dado seguinte, seguindo a intrincada trama de caminhos configurada por células do cérebro. Segundo Landow (1992), Bush descreve uma nova concepção de textualidade no artigo “As We May Think”, ao propor o conceito de blocos de texto unidos com elos e também introduz os termos conexão, trajetos e trama.

Apesar das primeiras discussões sobre teias de informações se darem com Bush, o termo hipertexto tem sua origem nos anos sessenta com Theodor H. Nelson e seu projeto Xanadu. Conforme o próprio criador do termo, hipertexto é uma escritura não sequencial, um texto que permite que o leitor faça escolhas e o leia em uma tela interativa.

### **4. Hipertexto e recursos coesivos**

Os hipertextos partem de uma estrutura linguística que não se enquadra em modelos de escrita padronizados. Então, apesar de toda explanação já feita sobre a textualidade dos textos virtuais, podem-se ter os seguintes questionamentos: Quais são as características de um hipertexto que permitem sua inserção no conjunto de elementos significativos em estruturas sociais específicas? Por quais critérios de textualização – se é que esses critérios existem – passam os hipertextos?

Tentando responder – de forma não fechada e com várias lacunas – a essas questões, recorrer-se-á aos conceitos de coesão e coerência propostos por Halliday e Hansan (1976), Mascuschi (2008) e Koch (2009), buscando uma possibilidade de identificação entre os elementos dispostos nos hipertextos e os critérios desenvolvidos pelos autores citados.

#### **4.1. Coesão**

Marcuschi e Koch entendem o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Dessa forma, os autores compartilham o entendimento de que todo texto é constituído, de um lado, por uma organização linear que é estritamente linguística, chamada de coesão – ou mais precisamente coesão superficial – e, do outro lado, por uma organização reticulada ou tentacular, não linear, portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas. Ambos os linguistas comungam que existe algo que organiza, primeiramente, as várias características semânticas de um texto. Essa organização primária de fontes semânticas é dada pelo nível coesivo do texto.

Halliday & Hasan (1976), analisando estruturas textuais do inglês, afirmam que a coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento do discurso é dependente da de outro. Um pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro.

Koch e Marcuschi apresentam algumas discussões a respeito da prioridade dada por Halliday e Hansan (*op. cit.*) aos elementos coesivos. Eles discordam dos autores ingleses, pois mostram, com exemplos do português, que existem textos destituídos de elementos coesivos que passam por critérios de textualização específicos. Koch e Marcuschi compartilham da opinião de que a coesão não é condição necessária, nem suficiente para delimitação e construção de significados e de consolidação textual: existem textos destituídos de recursos coesivos, mas em que “a continuidade se dá ao nível do sentido e não ao nível das relações entre os constituintes linguísticos” (MASCUSCHI, 2008).

A canção “Construção” de Chico Buarque apresenta uma estrutura com poucos recursos coesivos. Se para Halliday e Hansan a coesão é um critério imprescindível para enquadrar um elemento em um processo de textualização e concretizar-se como texto, o que se poderia dizer da canção citada?

Amou daquela vez como se fosse a última  
Beijou sua mulher como se fosse a última  
E cada filho seu como se fosse o único  
E atravessou a rua com seu passo tímido  
Subiu a construção como se fosse máquina  
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas  
Tijolo com tijolo num desenho mágico

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Seus olhos embotados de cimento e lágrima  
Sentou pra descansar como se fosse sábado  
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe  
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago  
Dançou e gargalhou como se ouvisse música...

(HOLANDA, C. B. *Construção*. Rio de Janeiro: Universal Music)

Vê-se que os possíveis significados trazidos pelo texto não são fornecidos a priori por recursos linguísticos de conexão, haja vista que esses recursos são praticamente inexistentes. Portanto, o leitor terá de acionar outros mecanismos de conexão, mais sociais que linguísticos, para entender – ou possibilitar/construir – novos significados para o texto acima. Assim, para caracterizar um elemento como um texto, não basta ter um conceito de coesão formal, pois há textos que apresentarão uma constituição livre ou com pouco recurso coesivo. Além dos textos literários, podemos caracterizar os textos virtuais – hipertextos – como uma organização semântica não dependente de uma estrutura coesiva tradicional. Pode-se afirmar que o computador permitiu a esses textos novas formas de escrita e de interpretação por parte dos leitores<sup>1</sup>. Esquemáticamente, poder-se-ia caracterizar o hipertexto como uma rede de elementos interligados não hierarquicamente, permitindo que significados sejam percebidos e construídos a partir de conexões mentais e inferências a ambientes que não estão diretamente ligados ao texto-base<sup>2</sup>.

### **5. A escrita nos hipertextos e sua relação com a escola**

Com a escrita, abriu-se uma nova possibilidade de comunicação e difusão de conhecimentos. Os autores puderam com seus livros (re)passar sua visão particular de mundo, influenciando a todos e difundindo suas ideias. Percebemos que com essa possibilidade trazida pela escrita em armazenar e difundir conhecimentos, foi dado a ela uma importância ímpar na sociedade. A escrita formal adquiriu um *status* de valorização na

---

<sup>1</sup>Quando se fala aqui em novas possibilidades ou (re)organização de escrita de textos, não se está sugerindo que o computador mudou ou está mudando a estrutura – entendendo estrutura como regras de um sistema linguístico (SAUSSURE, 2006) – escrito em português ou em outra língua. O que se está afirmando é a possibilidade de uma escrita que não atende a uma ordem canônica de linearidade e de construção de significados textuais completamente dependentes de modelos coesivos tradicionais. Ou seja, conteúdos semânticos são possíveis independentes de recursos gramaticais ligados diretamente a uma organização pré-determinada.

<sup>2</sup>Texto hospedeiro de links e hiperlinks responsáveis pela inter-relação de textos. Essa inter-relação de texto constitui uma característica não linear dos hipertextos.

sociedade da informação que impediu a entrada de características mais flexivas na sua constituição estrutural. Diversos gêneros textuais irão possuir qualidade, frente à sociedade envolvente, somente se apresentarem uma variedade de escrita que atenda aos compêndios normativos estabelecidos. As novas tecnologias, no entanto, trouxeram outras formas de escrita para a constituição dos textos e quebraram, pelo menos a princípio, com estruturas lineares rígidas, principalmente no que diz respeito a modelos coesivos tradicionais.

Segundo Botler *apud* Marcuschi (2001, p. 82), o hipertexto é uma nova área da escrita que vai além da folha de papel e além do espaço do livro, além de ser uma realidade apenas virtual. A coesão dos hipertextos é perturbadora frente à coesão linear tradicional. A ordem das informações não está dada na própria estrutura da escrita. Diferentemente do texto de um livro convencional, o hipertexto não tem uma única ordem de ser lido. A leitura pode se dar de variadas maneiras. Tem múltiplas possibilidades de início e de formas de prosseguir. Há maior liberdade de escolha de informações, como se estivéssemos imersos num conjunto de discursos espalhados por redes digitais.

A noção tradicional de texto está passando por um processo de mudança em relação aos seus componentes intrínsecos. Já é inegável que a tecnologia promove uma (des)estabilização nas concepções tradicionais de escrita e de composição de textos formais.

Acredita-se que essas possibilidades trazidas pelos textos digitais devem ser discutidos nos ambientes educacionais, pois as mesmas produziram novas visões do que é o processo leitura-escrita e das variadas formas de acesso ao conhecimento. Entendendo que os hipertextos promoveram novas formas de organizar a escrita – produzindo novos modelos de leitura e de disseminação do conhecimento –, faz-se necessário pensar uma proposta curricular de ensino de língua portuguesa que amplie a questão do papel da escola no desenvolvimento do letramento – particularmente do letramento digital – e a função do computador na escola.

## **6. Considerações finais**

É inegável a contribuição das tecnologias contemporâneas para a difusão do conhecimento e para (des)construções e (re)visões do conhecimento existente e de modelos tradicionalmente considerados ideais.

O texto, na figura do hipertexto, se (re)formulou. Adquiriu novos elementos e (re)organizou outros dentro de uma estrutura virtual possível, construindo uma rede de nós – desenvolvendo um labirinto – que não chega a constituir uma unidade. A hipertextualidade constrói uma concepção mais interativa para a produção do conhecimento. Ou seja, as ligações sociais para a construção/difusão do conhecimento se tornam mais rápidas.

Além dos questionamentos feitos no tópico cinco desse trabalho, entende-se que outras questões são pertinentes no que diz respeito às possibilidades de escrita/entendimento do hipertexto e que estão longe de terem uma resposta fixa e que atenda a todas as perguntas feitas em relação ao processo de construção e desenvolvimento dos hipertextos: até que ponto esse novo constituinte de escrita/leitura poderia provocar um “*stress* cognitivo” por estabelecer mais exigência no que se refere à apreensão de informações e conteúdos? Pois, Mascuschi afirma que “o hipertexto supõe, ao contrário do que se imagina, mais conhecimentos partilhados, mais atenção e decisão constante para que se torne uma leitura proveitosa e produtiva”. Será que o futuro trará exigências ainda mais complexas no que diz respeito ao entendimento de hipertextos por usuários, haja vista que os componentes cibernéticos mudam e assimilam novas características constantemente? Os hipertextos promoveram novas discussões teóricas, dessa forma, seria o caso de teóricos pensarem novos modelos de textualização que considerem processos inferenciais para além das relações intratextuais?

São questões importantes e que merecem uma discussão mais extensa, pois discussões como essas precisam ser embasadas por fatores linguísticos e extralinguísticos mais complexos presentes no desenvolvimento de produção e compreensão de textos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

\_\_\_\_\_. *Português ou brasileiro: um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976.

LANDOW, G. P. *Hypertext: The Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology*. John Hopkins University Press, Baltimore, 1992.

LEVY, P. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1993.

MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, Vol. 4, No. 1, 2001, p. 79-111.

\_\_\_\_\_. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.